

OS PROBLEMAS DE FALA

Prof. Dr. Jaime Luiz Zorzi

O que são os problemas da fala?

Os problemas de fala podem ser caracterizados como toda e qualquer alteração que dificulte ou impeça a produção dos sons que compõem as palavras, os fonemas. As alterações mais graves dizem respeito a atrasos no desenvolvimento, ou seja, as crianças começam a falar muito tarde. Problemas mais simples e mais freqüentemente encontrados referem-se a trocas, omissões e distorções de sons (uma imprecisão na pronúncia do som).

Quando podemos dizer que uma criança tem problemas de fala?

A aprendizagem de todos os sons da língua pode levar, normalmente, até os 6 anos de idade. O fonema "r", como na palavra "barata", está entre um dos mais difíceis de serem aprendidos, principalmente quando está no que chamamos de grupos consonantais: pra, bra, tra, etc. Portanto, palavras como "parede" podem virar "paiede", assim como "prato" pode estar sendo pronunciado como "pato". Como os sons são aprendidos progressivamente, afirmar que uma criança apresenta problemas depende de verificarmos se sua dificuldade é ou não esperada para sua faixa etária. Trocar palavras como "bola" por "pola", "dedo" por "teto", "gato" por "cato", podem estar caracterizando dificuldades de pronúncia, mesmo em crianças pequenas. O mesmo ocorre no caso de trocas como "janela" por "zanela" e "chapéu" por "sapéu".

Quais as causas dos problemas de fala?

Os problemas de fala podem ser acarretados por 3 grandes grupos de causas:

- a. Problemas de natureza neurológica: áreas motoras do sistema nervoso podem estar lesadas, dificultando a geração e transmissão de impulsos nervosos, acarretando prejuízos na movimentação da musculatura responsável pela produção dos sons da fala. Dificuldades deste tipo são comuns em crianças com lesões motoras, como na paralisia cerebral.
- b. Problemas de natureza músculo - esquelético: nestes casos, a fala estará prejudicada por deformidades ou alterações nos órgãos responsáveis pela produção da fala, como é o caso da musculatura facial, lingual, do palato e demais estruturas envolvidas. Podemos citar, como exemplo, os problemas decorrentes das fissuras labiais e palatais.
- c. Desvios fonológicos, que se caracterizam por alterações sem uma causa orgânica. Embora a criança possua uma integridade neurológica e das estruturas envolvidas na fala, existe como que uma dificuldade específica para a pronúncia de alguns fonemas. Na maior parte das vezes, são problemas deste tipo que levam as crianças ao tratamento fonoaudiológico.

Qual o papel do ambiente nestes tipos de problemas?

Os atrasos de fala estão, como foi apontado, ligados a problemas de origem orgânica, como as lesões neurológicas ou de estruturas da fala, assim como a problemas específicos de produção de determinados sons da fala. Principalmente neste último caso, o papel do ambiente é importante. Muitas vezes a criança pode estar sendo tratada de uma forma mais infantil e as dificuldades de fala refletem uma possível imaturidade.

O ambiente familiar pode influenciar, de fato, em alguns problemas de fala. Se tratamos uma criança como se ela fosse um bebê, provavelmente ela venha a se comportar como um bebê. E como é a regra, bebês falam errado. Se, ao invés de darmos padrões corretos de pronúncia das palavras, ficamos pronunciando-as de forma errada, como se fossemos crianças pequenas falando, este é o modelo que nossos filhos estarão recebendo e é ele que será tomado como referência. Por outro lado, podemos também estar exigindo acima das possibilidades da criança, ou seja, não estarmos aceitando os problemas que são normais em determinada idade acreditando que eles sejam, de fato, grandes

problemas. Este tipo de exigência ou de expectativa, a qual a criança não tem como responder, pode torná-la insegura em relação à sua fala, o que pode agravar ou dificultar ainda mais a aprendizagem dos sons. Pior ainda, a criança pode criar, de si mesma, uma imagem negativa de falante e passar a evitar situações de comunicação, a fim de não expor suas "dificuldades".

Se perguntarmos para nossos pais o que foi que eles fizeram para que aprendêssemos a falar, certamente eles estranharão tal pergunta. Dirão que, embora não saibam como, nós começamos a falar. Pelo contrário, poderão até mesmo dizer que, muitas vezes, pediram para que parássemos de falar. Podemos dizer que, para a maioria das crianças, a idade média com que começam a falar é a de 18 meses de idade, ou seja, um ano e meio. Algumas são mais apressadas, iniciam as primeiras palavras por volta de um ano, outras, um pouco mais lentas, por volta dos dois anos. Portanto, de 1 a 2 anos de idade, é a variação de tempo em que se espera que as crianças comecem a falar as primeiras palavras. Se seu filho está nesta faixa de idade, a qualquer momento as primeiras palavras poderão surgir. Porém, se ao chegar aos dois anos de idade, ainda não estiver falando, convém procurar um fonoaudiólogo para uma avaliação de rotina. Mas não é necessário ficar esperando até os dois anos de idade para se saber se uma criança terá problemas em relação à fala. Observe se seu bebê gosta de brincar com sons, como se estivesse falando sozinho. Verifique se, apesar de não falar, ele é comunicativo ou não. Bebês muito silenciosos podem vir a apresentar dificuldades para se comunicar. De qualquer forma, sempre que houver uma dúvida, um fonoaudiólogo pode orientar apropriadamente a família. Orientações para melhor estimular o bebê, quando necessário, pode ser feita.

As causas podem ser congênitas?

Uma série de problemas congênitos pode vir a afetar o desenvolvimento da fala, principalmente se comprometerem o sistema nervoso central ou as partes do corpo que são utilizadas para a fala, como é o caso da musculatura da face ou da boca. Crianças com síndromes que prejudicam a parte motora ou mesmo o desenvolvimento da inteligência têm alta probabilidade de virem a apresentar dificuldades quanto à comunicação.

Qual o papel da audição?

Muita atenção deve ser dada à audição porque problemas deste tipo podem repercutir na aprendizagem da fala. Devemos lembrar que as palavras são faladas e que chegam até nós na forma de sons. Por sua vez, os sons são percebidos pelo ouvido. Portanto, se tivermos algum problema de audição, não estaremos recebendo os sons das palavras de uma forma adequada, o que significa que também estaremos produzindo os sons de uma forma errada, como eles são ouvidos. Há uma forte relação entre problemas auditivos e problemas de fala. É até mesmo recomendável uma avaliação auditiva nas crianças que têm problemas na fala. Recomendamos que, ao levarem seus filhos ao pediatra, muita atenção seja dada à audição.

Como os pais podem colaborar em um tratamento fonoaudiológico?

Muito freqüentemente, crianças podem necessitar de tratamento fonoaudiológico. Nestes casos os pais podem ajudar, o que não significa que serão técnicos da fala, como os fonoaudiólogos. Mais importante, muitas vezes, são as atitudes que devem ser tomadas e que facilitarão a aprendizagem por parte da criança. Embora cada tipo de problema possa demandar um tipo especial de orientação, podemos dizer que, de modo geral, existem algumas regras básicas. Se nossos filhos estão com problemas de fala infantilizada porque estamos oferecendo para eles padrões também infantilizados de pronúncia, o papel dos pais será o de fornecer modelos mais apropriados, de fala não alterada. Se os pais são muito exigentes e seus filhos estão com dificuldades para falar em função de tal nível de expectativas, devem se tornar mais compreensivos e tolerantes. Qualquer que seja a situação, a criança deve ser incentivada a falar e sentir que há um clima de expectativa saudável no sentido de que ela aprenda a pronunciar as palavras de uma forma correta. Elas podem ser corrigidas indiretamente, não havendo a necessidade de ficar treinando palavras. Se, por exemplo, uma criança diz para mim algo que não entendo, basta dizer, de modo natural, sem uma carga de ansiedade ou de ridicularização, "O que foi que você disse?". É desta forma que nós agimos quando não entendemos o que alguém fala. Solicitamos repetição. Caso a

criança diga algo de forma errada, posso corrigi-la dando-lhe, de uma forma indireta e bastante eficiente, o modelo correto. Por exemplo, se a criança diz "O caio da mamãe quebo" (O carro da mamãe quebrou), eu repetirei a mesma frase, mostrando, ao que compreendi o que ela queria dizer e, ao mesmo tempo, dando-lhe o padrão de pronúncia correta: "Puxa! O carro da mamãe quebrou?". Estas podem ser formas eficientes e naturais de se ajudar alguém que tem dificuldades.

É necessário que os pais façam exercícios em casa?

A maior parte dos problemas de fala não requer que a família faça exercícios em casa para que sejam solucionados. Mais importante são as atitudes dos pais frente à fala de seus filhos: incentivar os filhos a falarem, mesmo que seja de uma maneira errada; saber compreender que existe uma dificuldade e que ela requer algum tempo para ser superada; oferecer modelos apropriados de fala; criar uma expectativa no sentido de valorizar tudo o que a criança aprende, mesmo que seja de forma mais lenta, e assim por diante. Por outro lado, alguns problemas mais acentuados ou graves podem exigir uma orientação específica, como nos casos neurológicos, sindrômicos, ou outros que venham a dificultar a produção da fala e que podem ser beneficiados por exercícios ou procedimentos facilitadores. A prescrição de tais exercícios depende, obviamente, das características e dificuldades de cada criança, assim como da disponibilidade de cada família em levá-los adiante.

Existem diferenças entre meninos e meninas?

Embora não exista uma estatística precisa, observa-se, de uma forma geral, que os meninos tendem a apresentar mais dificuldades do que as meninas. Não sabemos ainda, com certeza, se as meninas são mais hábeis para falar ou se os meninos são mais exigidos pelos seus pais e, neste caso, qualquer coisa pode se tornar um problema. De qualquer forma, existem fatores como sexo e hereditariedade que podem ser determinantes da frequência de tal tipo de problema.

Qual o melhor método de tratamento?

O tratamento ideal é aquele que procura compreender, da melhor forma possível, qual o tipo de problema a ser tratado, ou seja, quais as dificuldades específicas que a criança tem e também, se possível, suas causas. Um bom tratamento leva em conta o perfil comunicativo da criança, em termos de suas dificuldades e habilidades e deve ser traçado de acordo com suas necessidades e possibilidades de superação. Não há uma fórmula geral e generalizada que sirva para todas as crianças, uma vez que elas podem estar funcionando de formas diferentes. Portanto, o que é bom para algumas, pode ser totalmente ineficaz para outras. Em síntese, há necessidade de um ajuste entre a proposta e as características de cada criança.

Em caso de dúvidas quanto ao bom desenvolvimento da comunicação de seu filho, o fonoaudiólogo é o profissional indicado para ouvi-lo e orientá-lo.

Entrevistado

Jaime Luiz Zorzi

Fonoaudiólogo, Mestre em Distúrbios da Comunicação e Doutor em Educação

Diretor e professor do CEFAC – Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica

Endereço

Rua Cayowaá, 664 – Perdizes – São Paulo

CEP – 05018-000

PABX 011 3765-1677 Fax- Ramal 222

e-mail: cefac@cefac.br home-page: www.cefac.br

Obs.: Entrevista concedida para publicação de matéria na Revista Âmbito Farmacêutico.